



21 DE MARÇO DE 2016

Segunda-feira

- CAOS POLÍTICO PÕE ECONOMIA DO PAÍS NA DEFENSIVA
- É HORA DE TRANSFORMAR O BRASIL
- FIAT INTERROMPE TRÊS DAS QUATRO LINHAS DE PRODUÇÃO EM BETIM POR CINCO DIAS ÚTEIS
- BATERIAS MAIS BARATAS VÃO POPULARIZAR OS CARROS ELÉTRICOS
- AUMENTO DA INCERTEZA POLÍTICA DEVE AFETAR AINDA MAIS O CRÉDITO NO BRASIL
- FUNDO INVESTIRÁ EM EMPRESAS INOVADORAS DO PARANÁ
- ARRECADAÇÃO CAI 11,5% EM FEVEREIRO E TOTALIZA R\$ 87,8 BILHÕES
- AFINAL, AS MÁQUINAS VÃO SUPERAR OS HUMANOS?
- ANALISTAS PIORAM PREVISÃO PARA O PIB DESTA ANO E DE 2017
- BRADSPAR, ACIONISTA DA VALE, TEM PREJUÍZO DE R\$ 2,59 BILHÕES EM 2015
- VALE LAMENTA MORTE DE ROGER AGNELLI
- MT-03 É A MÉDIA QUE FALTAVA NA LINHA YAMAHA
- VOLVO BUS LANÇA MODELO B310R E BUSCA LIDERANÇA EM RODOVIÁRIOS
- SCANIA ANUNCIA MUDANÇAS NA DIREÇÃO COMERCIAL NO BRASIL
- VOLKSWAGEN DO BRASIL INVESTE R\$ 200 MILHÕES NA NOVA SAVEIRO
- KONE LANÇA NOVO MODELO DE FURADEIRA RADIAL
- GATES ESPERA CRESCER 25% NA REPOSIÇÃO EM 2016
- VENDAS DE PRODUTOS SIDERÚRGICOS APRESENTAM QUEDA DE 18,5% EM FEVEREIRO
- GKO INFORMÁTICA CRIA DIRETORIA DE SERVIÇOS SOB COMANDO DE ADRIANO SANCHEZ
- FEDERAÇÕES DA INDÚSTRIA SE MANIFESTAM SOBRE A CRISE
- MWM VAI EXPORTAR MOTORES PARA A DOOSAN INFRACORE
- HYUNDAI-ROTEM INICIA OPERAÇÃO DA FÁBRICA EM ARARAQUARA
- ACCIONA WINDPOWER VAI FORNECER 22 AEROGERAADORES À EDF
- HYUNDAI BRASIL INICIA AS EXPORTAÇÕES DO HB20

- METAIS BÁSICOS SOBEM APÓS DETALHAMENTO DE IMPORTAÇÕES CHINESAS DE COBRE
- CRISE POLÍTICA PARALISA AJUSTE FISCAL
- MERCADOS E GRUPOS EMPRESARIAIS À ESPERA DA QUEDA DE DILMA
- PARA INDÚSTRIA, DÓLAR DEVE FICAR ENTRE R\$ 3,80 A R\$ 4 EM 2016
- USIMINAS FAZ ACORDO PARA CONGELAR DÍVIDA COM BANCOS
- TARIFAS BANCÁRIAS SOBEM MAIS DO QUE A INFLAÇÃO
- ALTA DA SELIC TEM EFEITO MAIOR SOBRE PEQUENAS EMPRESAS, MOSTRA ESTUDO

CÂMBIO EM 21/03/2016		
	Compra	Venda
Dólar	3,609	3,610
Euro	4,063	4,065

Fonte: BACEN

Caos político põe economia do país na defensiva

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



A crise econômica e o caos político deixam o país menos previsível e deixam empresários e consumidores apreensivos

Era meio-dia de quarta-feira (16) quando o diretor de marketing do WTC Business Club, Diego Pettinazzi, abriu uma reunião com 50 empresários e executivos do Paraná dando a notícia de que o ex-presidente Lula seria ministro-chefe da Casa Civil. "É algo que não me deixa animado.

Mas, enfim, estamos aqui para discutir perspectivas", disse. A nomeação de Lula, confirmada duas horas depois, e a divulgação de uma conversa telefônica dele com a presidente Dilma Rousseff elevaram a níveis inéditos a incerteza sobre o futuro da política e da economia.

Até então, a principal dúvida era quanto ao prazo de vencimento de um governo sem articulação no Congresso, sob ameaça de impeachment e acuado pelo avanço da Operação Lava Jato. Agora, também não se sabe que rumo a política econômica tomará com a volta de Lula ao Planalto.

No encontro do WTC, o diretor comercial da Livrarias Curitiba, Marcos Pedri, resumiu a inquietação dos colegas. "Quando o país voltará ao normal?", perguntou ao economista Paulo Funchal, da consultoria Grand Thornton. Ficou sem resposta. "Supondo que Dilma caia, e independentemente de quem tomar seu lugar, daqui a dois anos poderemos ter o início de uma retomada. Mas isso depende do que acontecer até lá", disse Funchal.

Esgotamento

"Num ambiente em que o futuro é tão incerto, consumidores e empresários deixam de agir", diz a economista Roberta Muramatsu, especialista em Economia Comportamental. "O problema é que o prêmio pela espera não é óbvio. Na vida aprendemos que muitas vezes vale a pena esperar. Hoje isso pode ter consequências positivas, mas também muito negativas."

Segundo a consultora Vera Rita de Mello Ferreira, pioneira da Psicologia Econômica no Brasil, a angústia sem fim provocada pelas crises econômica e política "vai esgotando nossos recursos psíquicos". "A gente está há mais de um ano nesse vai-não-vai. Com a crise nos calcanhares, só nos preocupamos, o tempo todo, em como pagar as contas. Não conseguimos pensar com calma. Fica mais difícil vislumbrar uma saída", diz.

Nessa situação, explica, as pessoas têm dificuldade em ver nuances. "Há uma espécie de regressão a um estado mais primitivo da mente, em que se tende a pensar de forma polarizada. Se a Dilma sair, está tudo resolvido. Ou, então, se o Lula entrar, está solucionado. Antes fosse tão simples."

À medida que o país fica mais imprevisível, a atividade econômica vai tendendo à inércia. Inseguro, o consumidor evita grandes despesas. O comércio vende menos e reduz as encomendas à indústria, que diminui a produção e não investe. Nesse processo, muita gente perde emprego e renda, o que realimenta o círculo vicioso.

Insegurança

"Como o momento é de muita insegurança, as empresas ficam esperando o transatlântico tomar rumo para então pôr mais lenha na caldeira. Fica mais difícil captar novos projetos", conta Marcio Trevisan, gestor comercial da Pelissari, uma consultoria de TI sediada em Curitiba. Segundo ele, o que garante o avanço do faturamento da companhia são as operações de apoio a projetos já instalados.

Na rede 10 Pastéis, o número de interessados em uma franquia triplicou em 2015, em parte porque a perda do emprego levou altos executivos a buscarem um negócio para aplicar a verba da rescisão. Mas a taxa de conversão, que indica quantas pessoas de fato viraram franqueadas, caiu 30%. "Muita gente queria assinar o contrato, mas estava insegura, com medo", conta Cristina Fischer, do departamento de expansão.

A rede planejava chegar a 50 lojas em dezembro, mas só alcançou o número neste mês. E a meta da centésima unidade foi adiada de 2017 para 2018.

Indústria "planeja" um dia de cada vez

Quando não consegue enxergar o horizonte, o empresário tende a ficar na defensiva, evitando decisões importantes, como a de aumentar a capacidade produtiva de sua empresa. Mas boa parte da indústria brasileira, afetada por problemas estruturais bem antes de a recessão começar, deixou de fazer planos há muito tempo.

Segundo os dados mais recentes da Confederação Nacional da Indústria (CNI), 38% da capacidade de produção do setor está ociosa. Quando a economia reagir, portanto, a maioria das empresas ainda terá muito espaço a ocupar antes de pensar em ampliar as instalações.

“Hoje o negócio é sobreviver, um dia de cada vez. Se amanhã, quando eu chegar aqui, tiver entrado um pedido, então terei condições de manter a operação do jeito que está. Se for mais um dia sem pedidos novos, teremos de pensar em mais ajustes”, conta Alcino Tigrinho, diretor da Metalus, empresa de São José dos Pinhais que processa chapas metálicas por encomenda.

Segundo o empresário, que também preside o sindicato da indústria metal-mecânica (Sindimetal-PR), a Metalus reduziu o quadro de pessoal em 20% desde o fim de 2014. “Para nós, o resultado das eleições indicou que não haveria melhora tão cedo”, diz.

Nelson Hübner, presidente da Hübner Componentes e Sistemas Automotivos, de Araucária, conta que a empresa está racionalizando processos e cortando gastos desde 2013. “Chegamos a um ponto em que até os amigos são demitidos. É impossível falar em investimentos”, diz. A empresa, que chegou a empregar 1,4 mil pessoas, tem hoje 650 funcionários.

O único alento vem das exportações. Há alguns anos, a Hübner desenvolveu produtos e buscou mercados lá fora, mesmo com a taxa de câmbio desfavorável, e hoje se beneficia de um dólar mais valorizado. Cerca de 25% da produção é exportada, para 30 países.

É hora de transformar o Brasil

21/03/2016 - Fonte: FIEP



A Federação das Indústrias do Estado do Paraná e mais de 100 entidades representativas do setor produtivo, de classe, e demais setores da sociedade civil organizada, se reuniram na quinta-feira (17) para deliberar sobre o atual cenário político do país. As entidades se posicionaram ainda em apoio a todas as ações de combate à corrupção em andamento no Brasil e pela defesa irrestrita da manutenção do Estado Democrático de Direito e dos princípios constitucionais.

[Acesse aqui](#) os pontos principais que foram deliberados.

[Assista à entrevista](#) do presidente da Fiep, Edson Campagnolo.

Fiat interrompe três das quatro linhas de produção em Betim por cinco dias úteis

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



A Fiat informou nesta sexta-feira (18) que interrompeu, por cinco dias úteis, três de suas quatro linhas de produção da fábrica instalada em Betim, em Minas Gerais. A suspensão ocorrerá entre esta sexta-feira e o próximo dia 24 (quinta-feira) e tem como objetivo ajustar a produção à demanda do mercado.

A medida é adotada em meio a uma forte queda na venda de veículos no Brasil. Em 2015, o número de veículos comercializados caiu 26,5%, para 2,569 milhões de unidades, segundo dados da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave).

Foi a terceira retração anual seguida. Nos dois primeiros meses de 2016, a queda acumulada é de 31,31% ante igual período do ano anterior.

Baterias mais baratas vão popularizar os carros elétricos

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Apesar de ainda serem um traço nas estatísticas de vendas, os carros elétricos estão se aproximando do mercado de massa. É um movimento que vem sendo impulsionado pela superação da principal barreira à popularização da tecnologia, o custo elevado das baterias.

Estudo recente da Bloomberg New Energy Finance (BNEF) indica que o custo das baterias de íon-lítio já caiu 65% desde 2010, chegando, em 2015, a 350 dólares por kWh de capacidade de carga. A projeção é de que o preço fique abaixo de 120 dólares por kWh até 2030. Os cálculos do setor automotivo apontam que as baterias se tornam financeiramente viáveis a partir dos US\$ 150 por kWh, o que deve ser alcançado nos próximos cinco ou seis anos.

Com preços menores, as montadoras poderão fazer carros com alcance maior (hoje os principais modelos não rodam mais do que 400 km sem uma nova carga) a um preço menor. O Nissan Leaf, o elétrico mais vendido até hoje, usa baterias de 24 kWh para atingir um raio de 160 km – um sistema de acúmulo de energia cujo custo beira os US\$ 10 mil. Se a indústria reduzir o custo da bateria como projetado, esse valor seria de menos de US\$ 3 mil.

Baterias melhores e mais baratas são o segredo do grande lançamento do ano no setor, o Chevrolet Bolt. O carro tem um alcance de 320 km a um preço bastante competitivo para o mercado norte-americano: US\$ 30 mil dólares, já descontados os benefícios fiscais.

Outro lançamento que deve chegar neste ano ao mercado é o Tesla Model 3. A marca americana é conhecida por elétricos velozes que custam mais de US\$ 70 mil. O lançamento é diferente, vai ser vendido por menos de US\$ 35 mil e a promessa é que seu raio de circulação passe dos 400 km.

Além de maior autonomia, o desenvolvimento da tecnologia ameniza outros inconvenientes, como o tempo de recarga. A Ford vai lançar, no final deste ano, o Focus Elétrico, modelo totalmente elétrico, que começa a ser fabricado na Europa e nos Estados Unidos. O veículo vem com um carregador que a recarga de 80% da bateria em apenas 30 minutos, gerando, somente com a carga, autonomia por 160 km.

O domínio da tecnologia das baterias é tão crucial para o sucesso dos elétricos que a Tesla, em parceria com a Panasonic, trabalha na construção, em Nevada, da Gigafactory, uma fábrica especializada na produção de baterias de íon-lítio. Com o incremento em pesquisas, a estratégia promete ganho de escala e contínua redução nos valores das baterias e dos carros da marca. Juntas, as empresas investem US\$ 5 bilhões na construção do espaço.

A projeção da BNEF é que os carros elétricos representem 35% das vendas anuais de veículos em 2040, ou 40 milhões de unidades por ano – eles serão um quarto da frota global, reduzindo a demanda por derivados de petróleo em 13 milhões de barris de petróleo por dia.

Tecnologia ainda depende de políticas públicas

A tecnologia de carros elétricos vem sendo incentivada por políticas públicas no exterior (nos EUA, por exemplo, há créditos tributários para quem compra um desses modelos), mas, no Brasil, ainda engatinha.

Em outubro do ano passado, o governo federal adotou a primeira medida para incentivar a chegada dos automóveis no país: zerou o Imposto de Importação para carros movidos à eletricidade ou hidrogênio, cuja alíquota era de 35%. Mesmo assim, a valorização do dólar em relação ao real, associada a outros tributos, atrasa a democratização da alternativa.

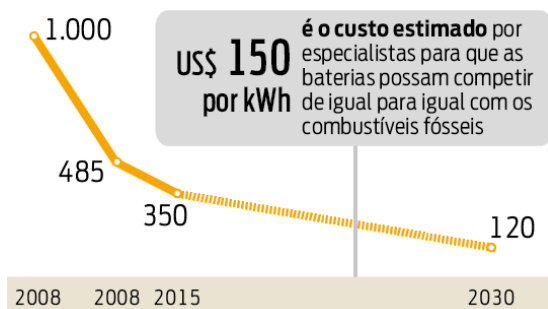
Para o engenheiro Ricardo Takahira, diretor do núcleo de pesquisa da ABVE e membro da Comissão Técnica de Veículos Elétricos e Híbridos da SAE Brasil, o nó tributário é agravado pelas próprias qualidades da tecnologia. Carros elétricos consomem menos energia, o que reduziria a arrecadação do governo, acostumado com a tributação elevada dos combustíveis.

Além disso, ele gera menos manutenção, o que também reduz a arrecadação. “O domínio do carro elétrico virá, os dados mostram isso, mas, para a transformação acontecer mais cedo, são necessárias políticas públicas firmes que criem esse mercado e também forneçam estruturas – como pontos para recarga nas cidades, por exemplo – para ele sobreviver”, explica.

Custo em queda

Os custos de produção de baterias de íon-lítio, as mais usadas em carros elétricos, estão em queda, o que vai deixar a tecnologia mais competitiva.

Preço do kWh de capacidade, em US\$



O Brasil não vai ficar fora da onda. A expectativa da Associação Brasileira do Veículo Elétrico (ABVE) é de que, até 2020 circulem entre 30 mil e 40 mil carros elétricos, disparando a necessidade de investimentos na rede de geração e distribuição de energia. Para Celso Novais, coordenador brasileiro do Programa Veículo Elétrico da Itaipu, esse não será um obstáculo. "Não haveria caos energético. Motores a combustão ainda têm eficiência muito pequena e há um ganho grande quando isso é levado em conta", diz.

Autonomia nacional

No ano passado, a Itaipu Binacional assinou um compromisso para desenvolver, em cerca de dois anos, a primeira bateria de íon-lítio com tecnologia nacional. A experiência conta com o apoio da Fundação Parque Tecnológico Itaipu (FPTI) e da consultoria inglesa especialista no ramo de veículos híbridos e elétricos, Mira Limited.

A proposta do projeto é desenvolver uma tecnologia capaz de ser utilizada tanto em carros elétricos como em sistemas de armazenamento de energia. O domínio do conhecimento contribuiria para a redução dos custos da alternativa no país.

Celso Novais, coordenador brasileiro do Programa Veículo Elétrico de Itaipu, explica que os esforços são para o desenvolvimento de um primeiro protótipo capaz de ganhar escala, mas as pesquisas ainda não tiveram início porque dependem da liberação de recursos.

"Acompanhamos análises de institutos de pesquisa da Suíça, Alemanha e Inglaterra, por exemplo, e todos indicam que, daqui três anos, os valores das estruturas e, por consequência, dos carros elétricos, devem cair de modo mais expressivo", diz.

Aumento da incerteza política deve afetar ainda mais o crédito no Brasil

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Isso deve contribuir para a paralisação da economia em um momento em que se discutem medidas para a retomada do crescimento

O aprofundamento da crise política no Brasil, estampada nas manifestações contra e a favor do governo Dilma Rousseff, deve pesar na demanda por crédito, já bastante deprimida, contribuindo para a paralisação da economia em um momento em que se discutem medidas para a retomada do crescimento, segundo executivos ouvidos pela reportagem. Associado ao impacto da deterioração do desemprego, que eleva os

calotes e faz os bancos serem ainda mais conservadores para emprestar, a instabilidade política traz um fator negativo adicional para o desempenho das carteiras no primeiro trimestre, tradicionalmente mais fraco.

Em alguns bancos, o clima político mais intenso e as manifestações já começam a impactar a demanda por crédito, conforme relatam executivos dessas instituições. Um deles pondera que o patamar dos meses anteriores já estava baixo e que, portanto, o reflexo até o momento ainda não é tão grande.

No entanto, lembra que a volatilidade atual, que tem pressionado o dólar em relação ao real, pode afetar o crescimento das carteiras caso, no fechamento do primeiro trimestre, a moeda fique muito abaixo da cotação de dezembro, de R\$ 3,90.

Sob o ponto de vista de crédito, um executivo de um grande banco de varejo destaca que o reflexo do cenário atual se estende para todos, desde o aposentado que vai tomar um consignado até o empresário que decide se amplia seu negócio ou não. "A falta de confiança é negativa.

Além de tudo, cria mais incerteza ainda. Todo esse processo (político) gera mais volatilidade, o que é muito ruim para a economia. Já estamos em um nível inédito. A última vez que tivemos um processo parecido foi em meio ao bloqueio de recursos, no governo Collor. Todo mundo puxou o freio", compara ele.

Os investimentos, já escassos, não devem ocorrer no contexto atual, com o crédito sendo puxado, principalmente, pelo capital de giro, necessário para o dia a dia corporativo.

Embora já restrita, a demanda por parte de indivíduos, que postergaram decisões de compra, e das empresas, que a cada dia engordam a lista de pedidos de recuperação judicial, com muitas fechando as portas, segue ainda mais tímida. Na dúvida, as decisões estão sendo adiadas por tempo indeterminado, de acordo com especialistas.

"O cenário de expansão ou contração de crédito se agravará. Os resultados dos grandes bancos ainda podem segurar uns dois ou três trimestres, mas mostrarão sinais de deterioração", avalia o executivo do alto escalão de uma instituição.

Impactada pela falta de confiança, que nas últimas semanas piorou diante de desdobramentos da Lava Jato e da nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva a ministro chefe da Casa Civil, a demanda das empresas por crédito encolheu 11,7% no acumulado do primeiro bimestre ante mesmo período de 2015, de acordo com dados divulgados nesta semana pelo Serasa Experian.

Com a menor disposição de famílias e empresas em tomar novos empréstimos, o crédito inverteu o sinal de alta visto em dezembro. Segundo os dados mais recentes do Banco Central, o saldo total recuou 0,6% em janeiro, para R\$ 3,199 bilhões.

Na melhor das hipóteses, o crédito crescerá apenas um dígito em 2016, embora os menos otimistas trabalhem com cenário de retração das carteiras. No ano passado, o desempenho já ficou abaixo do previsto. Para 2016, as projeções mais otimistas vêm dos bancos públicos, que no passado foram ponte para o governo estimular o crédito e, conseqüentemente, a economia.

Enquanto o Banco do Brasil espera alta de 3% a 6%, a Caixa Econômica Federal trabalha com intervalo de 7% a 11%. Já o Itaú Unibanco, o mais pessimista, admite retração de 0,5% em seus empréstimos e, no máximo, alta de 4,5%. O Bradesco espera avanço de 1% e 5%

Não há dúvidas, segundo Erivelto Rodrigues, da Austin Rating, que a crise política econômica vai afetar ainda mais o crescimento das carteiras de crédito. "O primeiro

trimestre tende a ser o pior para os bancos em 2016. Os bancos vão conseguir compensar a nível de resultado por conta da tesouraria, investindo em títulos públicos, e forte enxugamento de custos, mas não sob o ponto de vista do crescimento das carteiras”, opina ele, em entrevista ao Broadcast.

Até mesmo segmentos com expansão mais parruda, como o de crédito imobiliário e a de consignado (desconto em folha de pagamento), tendem a ser impactados diante da instabilidade atual, reduzindo ainda mais o ritmo de avanço, avaliam essas fontes.

Em meio a esse cenário negativo para o crédito, o governo tenta impulsionar o crescimento dos empréstimos via medidas de estímulo para setores como a agricultura, exportadores e micro e pequenas empresas.

Em evento, em São Paulo, o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, ressaltou tal esforço e ainda a adoção de medidas regulatórias para estimular os investimentos em portos, telecomunicações e no setor de petróleo e gás, impactado pela Lava Jato e a queda do preço no mercado internacional.

Fundo investirá em empresas inovadoras do Paraná

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) lançou neste ano a terceira edição do Criatec, fundo de investimento para o desenvolvimento de empresas com tecnologias inovadoras e que tenham alto potencial de crescimento.

Com atuação em todo o país, o fundo conta com R\$ 200 milhões para investimento, sendo, no mínimo, R\$ 12 milhões para a região Sul e R\$ 1,5 milhão para o Paraná.

A expectativa da Inseed Investimentos, gestora do Criatec 3, é que sejam aportados até R\$ 15 milhões em companhias com sede no Paraná. Segundo o representante da gestora de recursos, Augusto Muratori, o estado conta com muitas empresas que desenvolvem tecnologias inovadoras e que têm potencial para receber o aporte financeiro do novo fundo. Ele destaca, principalmente, negócios promissores na área de tecnologia limpa.

O Criatec 3 tem como prioridade investir dinheiro em negócios que estejam em estágio inicial das áreas de nanotecnologia, tecnologia da informação, biotecnologia, agronegócios e novos materiais.

As empresas precisam ter desenvolvido tecnologias que dificultem sua reprodução por concorrentes. Devem, ainda, apresentar solução para um problema relevante do país e ter capacidade de ser escalável, ou seja, apresentar rápido ritmo de crescimento.

Inscrições

Podem participar empresas com receita operacional líquida anual de até R\$ 12 milhões. Em uma primeira capitalização, o valor máximo de investimento por empresa será de R\$ 3 milhões. As inscrições estão abertas e são feitas exclusivamente através do site da Inseed Investimentos. As análises serão conduzidas pela gestora do fundo e pelo BRDE no Paraná.

Como funciona

Com duração total de dez anos, os aportes financeiros serão feitos ao longo dos quatro primeiros anos e continuarão na fase de desenvolvimento por mais seis anos. Além do investimento, as empresas selecionadas contarão com apoio para implementar boas práticas de gestão, como a estruturação de um sistema de governança corporativa.

Edições anteriores

A primeira edição do Criatec foi lançada em 2007 pelo governo. Segundo informações do BNDES, 36 empresas receberam aporte financeiro na época e tiveram um aumento médio da receita bruta de 30%. Em 2013, foi lançada a segunda edição do programa que já aprovou aporte financeiro para 18 companhias.

Arrecadação cai 11,5% em fevereiro e totaliza R\$ 87,8 bilhões

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Mergulhada num cenário econômico turvo e sem sinal de recuperação, a atividade econômica em queda foi a grande responsável por derrubar em 11,5% a arrecadação de tributos em fevereiro, comparando com o mesmo mês do ano passado e descontando a inflação do período.

Segundo dados divulgados nesta sexta-feira (18) pela Receita Federal, foram arrecadados R\$ 87,8 bilhões em fevereiro. De janeiro a fevereiro, a arrecadação federal foi de R\$ 217,2 bilhões. Trata-se do pior resultado para fevereiro e para um primeiro bimestre desde 2010.

De janeiro a fevereiro, a arrecadação federal foi de R\$ 217,2 bilhões. Trata-se do pior resultado para o período desde 2010.

O desemprego, a queda na produção da indústria e do movimento no comércio deprimiram a arrecadação de impostos ligados ao nível de emprego e a lucratividade das empresas.

O Imposto de Renda e CSLL tiveram um baque de R\$ 6,9 bilhões de janeiro a fevereiro, comparando com o mesmo período de 2015.

As receitas previdenciárias tiveram uma queda de R\$ 4,1 bilhões, somando R\$ 60,6 bilhões no primeiro bimestre. Esse é um reflexo não só do desemprego, mas da precarização do trabalho, segundo Claudemir Malaquias, chefe do Centro de Estudos Tributários e Aduaneiros da Receita.

“Estamos perdendo postos de trabalho e renda dos salários. Além disso, estamos perdendo qualidade do trabalho, você vai para informalidade, e na informalidade você não tem o recolhimento da contribuição previdenciária”, afirmou Malaquias.

Importações e vendas

Cofins e Pis/Pasep tiveram uma frustração de R\$ 3,1 bilhões, arrecadação impactada pela queda real do volume de vendas no país, sobretudo de bens duráveis, como carros. No setor automotivo, o recolhimento de impostos caiu 30% no primeiro bimestre.

A queda na atividade econômica somada à volatilidade do real diante do dólar também teve o efeito de reduzir importações e, conseqüentemente, o recolhimento de Imposto de Importação. Foram quase R\$ 2 bilhões a menos desse imposto de janeiro a fevereiro.

“Estamos importando pouco, e o que está sendo importado tem tributação menor. São bens mais necessários, como insumos para medicamentos, alimentos que não produzimos no país”, completou Malaquias.

Desonerações

Por outro lado, as desonerações do governo reduziram em R\$ 2,6 bilhões só em fevereiro, fruto do fim de algumas políticas de incentivo à economia envolvendo desonerações.

Só com o fim da desoneração da folha de pagamentos de alguns setores da economia, o governo conta com cerca de R\$ 800 milhões por mês.

Afinal, as máquinas vão superar os humanos?

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Robôs enviados do futuro para exterminar pessoas, androides dotados de emoções e que se rebelam contra seus criadores, computadores com tendências escravagistas: para muitos filmes, livros e games, a supremacia das máquinas sobre os humanos é apenas uma questão de tempo.

O que poderia ser encarado como mera ficção, no entanto, tem despertado temores bastante reais, conforme pesquisas com inteligência artificial avançam e sistemas cada vez mais inteligentes chegam ao mercado.

A apreensão popular com o desenvolvimento de programas e robôs capazes de assumir tarefas complexas e até substituir trabalhadores humanos não é nova, mas foi dimensionada recentemente por uma pesquisa da Associação Britânica de Ciência (BSA, da sigla em inglês) – veja todos os dados do estudo.

Segundo levantamento divulgado pela entidade semana passada, 36% dos mais de 2 mil entrevistados disseram acreditar que a evolução da inteligência artificial representa uma ameaça para o desenvolvimento da humanidade no longo prazo – 49% descartaram a ideia e 15% disseram não poder opinar a respeito.

Quase metade das pessoas ouvidas (46%) também se disse contrária à possibilidade de que robôs ou programas sejam “equipados” com emoções ou personalidade. E, questionados sobre como se sentiam em relação aos avanços em inteligência artificial, a maioria dos entrevistados citou que estava “cética” ou “desconfiada”.

Em nota, o presidente da BSA, David Willetts, afirma que não é “surpresa que tantas pessoas estejam apreensivas sobre o futuro quando falamos de inteligência artificial”.

Para o cientista, a pesquisa mostra que esses temores precisam ser ouvidos e que o público também precisa ser envolvido nos debates sobre o futuro desta tecnologia – até mesmo para que velhos mitos e medos infundados sejam deixados para trás.

“A inovação é geralmente assustadora. Mas é importante lembrar que a economia e o mundo estão em constante mudança e adaptação. A evolução de uma tecnologia

como essa (a inteligência artificial) é simplesmente a próxima invenção a que nos ajustaremos, e somos infinitamente capazes de fazer isso”, escreve Willetts.

Alerta

Apesar de pesquisadores e cientistas colocarem “panos quentes” em relação aos avanços da inteligência artificial, o temor sobre os riscos da tecnologia já motivou declarações bastante incisivas de grandes figuras da área.

No fim de 2014, o físico Stephen Hawking disse, em entrevista à BBC, que “o desenvolvimento pleno da inteligência artificial poderia significar o fim da raça humana” – o sistema usado pelo famoso cientista para se comunicar envolve uma forma básica da tecnologia.

“Humanos, que são limitados por uma evolução biológica lenta, não poderiam competir (com a inteligência artificial) e seriam superados”, reforçou Hawking na ocasião.

A fala do físico se soma à do empreendedor Elon Musk, fundador da Tesla e da SpaceX, que disse no mesmo ano, em uma palestra no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), temer os avanços da tecnologia. “Eu acho que nós deveríamos ser muito cuidadosos sobre inteligência artificial. Se eu tivesse que dizer qual é a maior ameaça à nossa existência, provavelmente é essa”, declarou.

Avanço superestimado

Para muitos pesquisadores da área, acreditar que robôs criarão consciência e poderão, num futuro próximo, tomar decisões por conta própria, a ponto de imagens vistas em filmes se tornarem reais, é superestimar os projetos desenvolvidos hoje com inteligência artificial.

A percepção de quem acompanha as pesquisas de perto é que sistemas e máquinas inteligentes se tornarão cada vez mais comuns e presentes em diversas áreas, tanto nas indústrias quanto em aplicativos e celulares – assistentes virtuais como a Siri (Apple) e Cortana (Microsoft) já dão uma mostra do potencial uso para consumidores.

Computadores com processadores tão potentes quanto um cérebro humano e capazes de emular sentimentos, no entanto, ainda não estão nos planos.

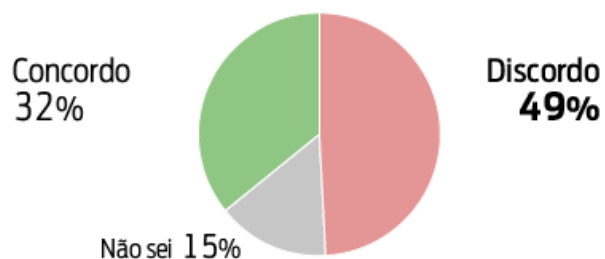
“Essa preocupação com uma dominação das máquinas é especulação e está mais no campo da ficção científica. Hoje, não é possível enxergar nas técnicas e metodologias de inteligência artificial nada que permita que máquinas algum dia criem consciência, tomem decisões por si só ou comecem a aprender de maneira desenfreada”, relata o professor da Fiap e doutor em Robótica Móvel Antonio Selvatici, que também é pesquisador na área de internet das coisas.

“O que estamos vendo agora é a inteligência artificial sair um pouco da mão dos cientistas para as mãos de engenheiros, que fazem com que esse conhecimento seja aplicado em produtos. O movimento de grandes empresas, como o Google, comprando startups e empresas menores de inteligência artificial é uma mostra disso”, completa Selvatici.

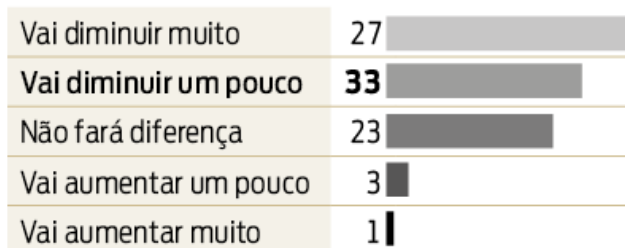
COM O PÉ ATRÁS

Pesquisa da Associação Britânica de Ciência (BSA) mostra que muitas pessoas ainda não estão nada confortáveis ou empolgadas com os recentes avanços da inteligência artificial. Confira como os entrevistados reagiram às questões levantadas pela instituição:

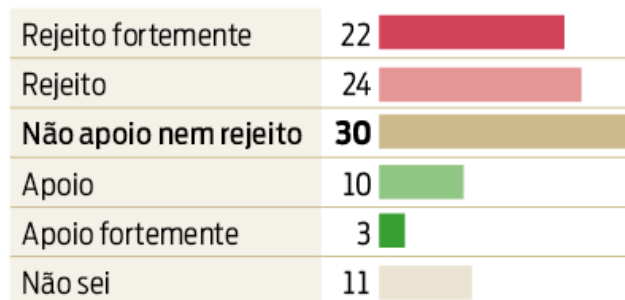
Você concorda com a afirmação de que o desenvolvimento da inteligência artificial representa uma ameaça para a sobrevivência da humanidade no longo prazo?



É possível confiar em programas e robôs para assumirem as tarefas abaixo no futuro? Você acha que o uso de programas e robôs com inteligência artificial irá aumentar ou diminuir o número de empregos disponíveis para os humanos nos próximos 10 anos? (%)



Você apoia ou rejeita a ideia de robôs e programas passarem a ter emoções e personalidade? (%)



Fonte: BSA. Infografia: Gazeta do Povo.

Analistas pioram previsão para o PIB deste ano e de 2017

21/03/2016 - Fonte: Gazeta do Povo



Analistas do mercado financeiro consultados semanalmente pelo Banco Central (BC) pioraram mais uma vez previsão para o desempenho da economia em 2016 e 2017.

Para este ano, a perspectiva é de um recuo de 3,60%, enquanto no ano seguinte a expansão deve ser de 0,44%. O relatório Focus reduziu pela segunda semana seguida a projeção para a inflação (7,43%), que, no entanto, continua acima do teto de 6,5%.

A piora da previsão para o PIB deste ano foi a nona seguida. Em vez de queda de 3,54%, os analistas agora esperam uma baixa de 3,60%. Para 2017, a projeção é de leve recuperação da economia: mas o 0,50% da semana passada desacelerou para 0,44% na pesquisa divulgada nesta segunda-feira.

Os analistas reduziram a projeção para a inflação deste ano. O IPCA deve ficar em 7,43%. Na semana anterior, a expectativa era de que o índice oficial fechasse 2016 em 7,46%.

O alívio, porém, ainda é muito discreto e mantém a taxa bem longe do centro da meta do BC, que é de 4,5%, e acima do teto, de 6,5%. Se isso se confirmar, será o segundo ano consecutivo em que inflação ficará acima do limite estabelecido pela autarquia.

Em relação a 2017, os analistas mantêm a expectativa em 6% há seis semanas. Caso o IPCA fica de fato neste patamar, encerrará o ano que vem exatamente no teto da meta do BC, que para o ano que vem estabeleceu uma meta de 4,5% com variação de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo.

Já o cenário político, com o aumento da pressão pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, parece ter refletido nas previsões para a cotação do dólar. O Focus reduziu em R\$ 0,05 a cotação esperada para a divisa no fim deste ano: R\$ 4,20. Foi a quinta diminuição seguida. Para o ano que vem, os analistas reduziram pela segunda vez seguida a cotação, passando de R\$ 4,34 para R\$ 4,30.

A taxa básica de juros foi mantida. Para este ano, a Selic se mantém em 14,25% ao ano há sete semanas. Este é o atual patamar dos juros básicos. Em 2017, apostam os analistas há três semanas, a Selic chegará ao fim do ano em 12,50%.

Bradespar, acionista da Vale, tem prejuízo de R\$ 2,59 bilhões em 2015

21/03/2016 - Fonte: G1



A Bradespar, uma das principais acionistas da Vale, teve prejuízo líquido de R\$ 1,98 bilhão no quarto trimestre de 2015, ante resultado negativo de R\$ 343 milhões no mesmo período do ano anterior, informou nesta segunda-feira (21). No ano, a empresa registrou prejuízo de R\$ 2,59 bilhões, contra lucro de R\$ 101,48 milhões em 2014.

A receita operacional ficou negativa em R\$ 1,94 bilhão no quarto trimestre.

No comunicado sobre os resultados enviado ao mercado, a empresa disse que, mesmo com o recuo da demanda global que afetou setores com negócios relacionados à exportação de seus produtos, a Vale obteve "excelente desempenho operacional", com a oferta anual de minério de ferro alcançando 345,9 milhões de toneladas.

No entanto, no final de fevereiro, a Vale anunciou ter registrado prejuízo de R\$ 44,2 bilhões em 2015. No ano anterior, a mineradora havia tido lucro de R\$ 954 milhões. No quarto trimestre, as perdas foram de R\$ 33,156 bilhões. No mesmo período de 2014, chegaram a R\$ 4,761 bilhões.

CPFL

Além da participação na gigante de mineração, a Bradespar tem fatia na CPFL Energia.

A CPFL Energia também anunciou nesta segunda que teve lucro líquido de R\$ 363 milhões no quarto trimestre, queda de 22,8% ante o mesmo trimestre do ano anterior.

O Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) da companhia totalizou R\$ 1,005 bilhão no período, recuo de 25,1% na base de comparação anual.

Vale lamenta morte de Roger Agnelli

21/03/2016 - Fonte: Paraná Online

Em nota à imprensa divulgada neste domingo (20), a Vale lamentou a morte do seu ex-presidente Roger Agnelli, 56 anos, após queda de um avião na tarde do sábado, no Jardim São Bento, zona norte de São Paulo. No acidente aéreo também faleceram a mulher de Agnelli, Andrea, os filhos João e Anna Carolina, a nora e o genro.

"Foi com imenso pesar que a Vale recebeu a notícia do falecimento neste sábado, 20/3, de Roger Agnelli, aos 56 anos, presidente da empresa no período de julho de 2001 a maio de 2011", diz a nota. "A Vale e seus empregados se solidarizam com a dor dos familiares e amigos do executivo que tanto contribuiu para o desenvolvimento da nossa empresa."

Segundo a nota, durante os dez anos em que Roger presidiu a Vale, a companhia se consolidou como a maior produtora global de minério de ferro e a segunda maior mineradora do mundo.

"Foi durante sua gestão que a Vale intensificou sua estratégia de expansão global, que levou a Vale a um novo patamar no mercado global de mineração", diz a nota.

O acidente ocorreu logo após a decolagem, ainda nas proximidades do Aeroporto do Campo de Marte - antes, o monomotor estava estacionado no hangar da Infraero. O voo tinha como destino o Aeroporto Santos Dumont, no Rio. O avião, de prefixo PRZRA, está registrado em nome de Agnelli. O avião decolou às 15h20 e caiu três minutos depois, na altura do número 110 da Rua Frei Machado, no Jardim São Bento. Pouco tempo depois, o Corpo de Bombeiros enviou 15 viaturas ao local.

MT-03 é a média que faltava na linha Yamaha

21/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A Yamaha traz para seu time de média cilindrada a MT-03, que chega na primeira quinzena de maio em opções sem ou com freios ABS e preços entre R\$ 18.790 e R\$ 20.790. A tecnologia e a grande quantidade de componentes importados explicam os valores um tanto altos. Montada em Manaus com peças asiáticas, ela é a versão naked (sem carenagem) da esportiva R3, lançada em agosto.

Tem o mesmo motor de 321 cc, 42 cavalos e transmissão de seis marchas. As principais concorrentes da MT-03 são a KTM 390 Duke, com ABS de série por R\$ 21.990, e a Kawasaki Z300, com sistema antitravamento opcional e valores entre R\$ 17.990 e R\$ 19.990.

“Ela vem para preencher um vazio na Yamaha entre a Fazer 250 e a MT-07”, afirma o gerente de marketing, Hélio Ninomiya. A Yamaha não arrisca projeções por causa do fraco desempenho do mercado no primeiro bimestre (que caiu cerca de 25% ante o mesmo período de 2015), mas acredita que a novidade terá procura maior que a R3, a esportiva mais vendida do Brasil nestes dois meses, com 245 unidades licenciadas. A MT-03 foi lançada ao lado do scooter N Max 160, que também começa a ser montado em Manaus com grande conteúdo importado.

Os dois modelos encerram um ciclo iniciado em setembro de 2013, quando a Yamaha prometeu um lançamento a cada seis meses. “Mas ainda teremos novos produtos este ano”, garante Ninomiya.

A empresa deve trazer em algumas semanas a linha 125 cc com injeção eletrônica no lugar do carburador. “Os modelos antigos foram produzidos até o fim de 2015”, afirma o diretor de engenharia, Hilário Kobayashi.

BOA DE ASFALTO

A Yamaha MT-03 utiliza não só o motor da esportiva R3, mas também quadro, suspensões, tanque e componentes da traseira. Por causa disso ela mostra muita agilidade em aceleração, frenagens e curvas. A altura do assento (78 centímetros) facilita a pilotagem para quem tem 1,70 metro ou pouco menos que isso.



Novamente deu para notar a qualidade do projeto pelo bom quadro e pelas suspensões bem acertadas. O amortecedor traseiro tem seis ajustes. A agilidade vem também do motor bicilíndrico com oito válvulas e duplo comando.

Mas esse propulsor gosta mesmo de girar bem alto, pois na faixa de 4,5 mil rpm surgem buracos na aceleração. Dos 6,5 mil giros em diante ele passa a responder como deve. A Yamaha não informa a velocidade máxima, mas é possível esperar algo por volta de 170 km/h.

O painel tem um grande conta-giros analógico, velocímetro digital, lâmpada de alerta para troca de marchas (shift light) com funcionamento programável a partir de 7 mil rpm, indicador de marcha engatada, do nível de combustível, temperatura da água, relógio, hodômetros totalizador e parciais, indicador de troca de óleo, medições média e instantânea de consumo de combustível.

O Consórcio Yamaha tem plano de 60 meses com parcelas a partir de R\$ 399,28. O seguro oferecido pela Yamaha custa entre R\$ 1.880 e R\$ 2.050 para as opções sem e com ABS.

Esta nova MT-03 não tem nada em comum além do nome com aquela moto lançada em 2008, que teve apenas 2,6 mil unidades produzidas no Brasil e somente naquele ano. A antiga utilizava o motor empregado na XT 660 e mais tarde também na linha Ténéré.

Volvo Bus lança modelo B310R e busca liderança em rodoviários

21/03/2016 - Fonte: Automotive Business



Em momento de mercado retraído, a Volvo Bus apresentou novidade para esquentar suas vendas, o chassi B310R 4x2, voltado a médias distâncias. Com a novidade, a montadora amplia sua linha de ônibus rodoviários para oito modelos e dá mais um passo para alcançar a meta de ser líder do segmento, que responde por 50% dos negócios da empresa na América Latina atualmente.

A Volvo Bus já subiu da terceira para a segunda colocação no mercado interno, superando a Scania. Hoje, com 23% de participação nas vendas de rodoviários, o desafio é desbancar a Mercedes-Benz, que detém fatia bem maior das vendas.

“A vantagem é que este segmento é mais estável, com demanda constante, enquanto o de urbanos está sujeito a grande sazonalidade”, esclarece Luis Carlos Pimenta, presidente da companhia na América Latina.

Para disputar as vendas, o B310R promete ser o mais econômico do segmento, com redução de 3% a 7% no consumo de combustível na comparação com os concorrentes, assegura a fabricante.

Segundo a Volvo Bus, a performance é garantida pelo motor de 11 litros e 310 cv e chassi ao menos 400 quilos mais leve do que o de qualquer outra montadora. O modelo pode transportar até 52 passageiros, dependendo da carroceria que recebe.

Assim como os outros ônibus da gama, o B310R, chega com caixa de câmbio automatizada I-Shift, freio motor VEB, suspensão eletrônica e freio a disco EBS de série. Feito sobre a mesma plataforma do resto da linha de chassis da marca, há alto compartilhamento de componentes. Segundo a Volvo, esta característica torna mais simples a manutenção.

MERCADO

Em 2015, enquanto o mercado brasileiro de ônibus encolheu 36,6%, para 20,3 mil unidades, as vendas da Volvo caíram 49,4%. Ao longo do ano a operação da empresa na América Latina vendeu 2 mil chassis, entre rodoviários e urbanos, com metade do volume destinado ao mercado externo.

A meta é pelo menos repetir este número em 2016, mas com participação ainda maior das exportações. “A América do Sul está em bom momento para rodoviários, com demanda no Chile, Argentina e Peru”, conta Pimenta.

O esforço para aumentar as entregas a outros países pretende compensar o fraco ritmo do mercado interno. O executivo afirma que, neste início de ano, a baixa das vendas aos clientes locais fez as exportações responderem por expressivos 70% dos negócios da operação da empresa no Brasil. Com isso, a planta da montadora em Curitiba hoje mal consegue preencher um turno de produção, que permite a fabricação de 7 chassis por dia.

Pimenta aponta que a procura por renovação no segmento de urbanos está bem mais fraca do que a esperada para um ano de eleições municipais no Brasil. Já as compras de rodoviários são abaladas pela queda da economia e por indefinição de algumas legislações importantes, como a que vai determinar se os ônibus precisam ou não ter elevador para passageiros com necessidades especiais. "O cliente fica retraído e prefere não investir enquanto estes marcos regulatórios não são especificados", esclarece.

Hakan Agnevall, presidente mundial da companhia, esteve no Brasil para o lançamento do chassi B310R, como faz cerca de duas vezes por ano. Apesar das grandes dificuldades locais, ele garantiu que a América Latina segue como um grande mercado.

"A região respondeu em 2015 por 17% dos nossos no ano passado", conta. Ele defende que o momento é passageiro e, portanto, o plano é seguir investindo em novos produtos e tecnologia para largar na frente quando o mercado local voltar a crescer.

Scania anuncia mudanças na direção comercial no Brasil

21/03/2016 - Fonte: Automotive Business



A Scania anuncia que a partir de 1º de junho fará mudanças na direção comercial: Roberto Barral, atual diretor geral da divisão de consórcios assumirá o novo cargo para as operações comerciais da montadora no Brasil, sucedendo Mathias Carlbaum, que por sua vez será o novo vice-presidente global da área, se reportando diretamente ao CEO da companhia, Henrik Henriksson.

"Estar à frente das operações comerciais da Scania no Brasil, um dos principais mercados da marca em todo mundo, é para mim um privilégio e um enorme desafio.

Minha missão é reforçar aquilo que a Scania vem oferecendo de melhor, ou seja, estar próxima do cliente, entender as necessidades de seu negócio e disponibilizar soluções que resultem em rentabilidade, fator essencial nos dias de hoje, em que as operações logísticas exigem cada vez mais eficiência. Quero firmar a Scania como a principal parceira de nossos clientes", afirma Barral.

Na empresa desde 1995, o executivo acumula experiência nas áreas comerciais e industriais. Em 2006, chegou ao cargo de gerente financeiro da Codema, uma das concessionárias da Scania no Brasil, sendo que em 2010 foi nomeado CFO da Scania Ibérica, permanecendo na posição até se tornar o diretor geral do Consórcio Scania, em 1º de dezembro de 2015.

Formado em Ciências Econômicas pela Universidade de São Paulo, Barral tem pós-graduação em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas e especialização em Controladoria pela mesma instituição.

Com a saída de Barral para o novo cargo, Suzana Soncin assumirá a direção do Consórcio Scania, ela que é atual diretora das áreas financeiras e administrativa da divisão. Ela ingressou na empresa há 25 anos e em sua trajetória conta com experiência na área industrial e nos últimos cinco anos nas operações comerciais de

consórcios.

Formada em Administração de Empresas pela FEI, com especializações em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas, Suzana possui cursos na University of California, Duke University e Stockholm School of Economics.

Volkswagen do Brasil investe R\$ 200 milhões na Nova Saveiro

21/03/2016 - Fonte: CIMM

Com investimentos de R\$ 200 milhões, a Volkswagen do Brasil acaba de lançar no mercado nacional a Nova Saveiro, a picape leve da marca e a mais conectada do seu segmento no Brasil. O montante foi direcionado para o desenvolvimento do produto e de manufatura para modernização do processo produtivo.

Lançada em julho de 1982, a Saveiro já acumula mais de 1,1 milhão de unidades produzidas, sendo que desse total, mais de 200 mil foram exportadas para mais de 60 países, principalmente da América do Sul.

“As qualidades da Nova Saveiro, certamente ajudarão a marca a conquistar novos clientes no Brasil e também novos mercados para exportação”, destaca o presidente e CEO da Volkswagen do Brasil, David Powels.

Pela primeira vez ao longo dos 33 anos de história da Saveiro no Brasil, a picape derivada do Gol ganha agora identidade própria. Com visual totalmente independente a Nova Saveiro traz estilo exclusivo, robusto e refinado.

Todas essas mudanças com ainda mais itens tecnológicos instalados na picape, exigiram alterações importantes no processo produtivo das áreas de Estamparia, Armação, Pintura e Montagem Final na fábrica de São Bernardo do Campo, onde é produzida exclusivamente.

Na Estamparia, onde o processo de fabricação do carro é iniciado, foram adquiridos equipamentos de medição de última geração. A área também conta com uma nova esteira para a inspeção das peças da superfície. Já na Armação da Nova Saveiro, um novo equipamento é responsável pela junção (grafagem) das peças da tampa dianteira do veículo.

A área da Pintura da fábrica Anchieta conta com novos dispositivos específicos para a colocação dos apliques no veículo como, por exemplo, o novo friso para a lateral externa e para as soleiras da Saveiro Cross. Além disso, todos os robôs das cabines de pintura foram programados para a produção da Nova Saveiro. O modelo receberá agora uma nova e exclusiva opção de cor metálica, o “Azul Ravenna”, ofertada na versão Saveiro Cross (cabine estendida e cabine dupla).

A Nova Saveiro também será ofertada nas cores branco Cristal, preto Ninja e vermelho Flash (sólidas); azul Night, cinza Platinum e prata Sírius (metálicas); além do laranja Canyon (especial), também exclusivo para a Saveiro Cross.

Na Montagem Final foram instalados novos dispositivos para o encaixe do painel (cockpit) da Nova Saveiro, onde estão as principais inovações tecnológicas do modelo, como o sistema App-Connect, para espelhamento de smartphone na tela sensível ao toque (touchscreen) com as plataformas MirrorLink, Apple CarPlay e Google Android Auto.

Outra nova ferramenta é o manipulador, um dispositivo para facilitar o processo de montagem do conjunto frontal do veículo, o “front end”. O equipamento transporta, centraliza e encaixa o conjunto facilitando a montagem e a fixação na carroceria.

Também foram instalados equipamentos para a montagem do novo porta-luvas e do logo na tampa traseira da picape, que agora possui sistema de abertura semelhante ao Novo Golf.

A Saveiro nas Versões Robust, Trendline e Highline são equipadas com o consagrado motor 1.6l Total Flex, de até 104 cv (etanol). Já a versão Cross está equipada com o novo motor 1.6l MSI, da família EA211, de até 120 cv. O modelo estará disponível a partir de abril nas concessionárias da marca no Brasil.

Kone lança novo modelo de furadeira radial

21/03/2016 - Fonte: CIMM

A Kone Indústria de Máquinas acaba de lançar um novo modelo de Furadeira Radial, trata-se de um equipamento com baixo valor de investimento e altíssimo rendimento.

A nova KR-40/14 tem capacidade para furação de 40 mm em Aço e 45 mm em ferro fundido além de rosqueamento de 25 a 28 mm de acordo com o material. Ela realiza operações com raio mínimo de 490 mm e máximo de 1.520 mm, o que proporciona grande amplitude e alta produtividade.

A Radial KONE modelo KR-40/14 é versátil, acessível é muito produtiva, ela estará exposta na rua E nº 84, durante a Feimec 2016 que acontece entre os dias 03 a 07 de maio de 2016 no São Paulo Expo Exhibition e Convention Center (Antigo Imigrantes) em São Paulo/SP.

Gates espera crescer 25% na reposição em 2016

21/03/2016 - Fonte: CIMM

Sidney Aguilar Jr., ex-gerente de aftermarket da BorgWarner, assumiu em fevereiro a direção dos negócios de reposição da Gates e demonstra otimismo com a evolução da operação que passou a comandar na América do Sul. "Vamos crescer 25% em 2016, como já indica o avanço no primeiro trimestre do ano", disse a Automotive Business. O crescimento das vendas no ano passado no segmento de reposição foi de 22%.

Atualmente o mercado de aftermarket representa 75% das vendas totais da empresa, cabendo os demais 25% aos fornecimentos para montadoras. A relação, que já chegou a ser de 60% a 40%, foi modificada com o recuo na produção de veículos no País.

A Gates aportou no Brasil em 1968 com a produção de correias industriais na cidade de São Paulo. Quatro anos depois chegou ao mercado nacional a linha automotiva da marca.

Na década seguinte foi construída uma nova unidade em Jacareí, SP, que completou quarenta anos e fabrica correias, tensionadores, mangueiras e polias. O complexo industrial inaugurado em 1975 ocupa 200 mil metros quadrados e emprega 700 pessoas. A produção mensal é superior a dois milhões de componentes.

A empresa, que exporta 17% da produção e tem na Argentina seu principal cliente, atua nos segmentos automotivo, industrial e agrícola com um portfólio abrangente.

A área automotiva absorve produtos como correias dentadas, mangueiras de radiador e combustível e tensionadores e polias. "Há dois anos lançamos um kit de reposição composto de correia, tensionador e polia que faz bastante sucesso", observa Aguilar. "O objetivo, nesse caso, foi estimular a manutenção preventiva e a troca conjunta dos três componentes", explica.

Vendas de produtos siderúrgicos apresentam queda de 18,5% em fevereiro

21/03/2016 - Fonte: CIMM

O consumo aparente nacional, em fevereiro de 2016, foi de 1,4 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, 27,2% menor que o mesmo período do ano anterior. No acumulado nos dois primeiros meses, o consumo aparente alcançou 2,7 milhões de toneladas, 31,2% menor quando comparado aos mesmos meses de 2015.

Quanto às vendas internas, o resultado de fevereiro de 2016 foi de 1,3 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, redução de 18,5% em relação a fevereiro de 2015. As vendas acumuladas no ano caíram 22,7%, totalizando 2,5 milhões de toneladas.

As importações, devido não só à desvalorização do real mas ao fraco consumo de aço no país decorrente da crise econômica, apresentaram queda de 72,1% em relação a fevereiro de 2015, totalizando 88 mil toneladas equivalentes a US\$ 106 milhões.

A produção brasileira de aço bruto em fevereiro de 2016 foi de 2,4 milhões de toneladas, queda de 8,7% quando comparada com o mesmo mês em 2015. Em relação aos laminados, a produção de fevereiro, de 1,7 milhão de toneladas, apresentou uma redução de 14,9% quando comparada com fevereiro do ano passado.

Com esses resultados, a produção acumulada em 2016 totalizou 4,9 milhões de toneladas de aço bruto e 3,3 milhões de toneladas de laminados, havendo redução de 13,7% e 16,8%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2015.

As exportações de produtos siderúrgicos em fevereiro de 2016 atingiram 1,1 milhão toneladas no valor de 369 milhões de dólares, representando crescimento de 54,8% em volume e queda de 10,2% em valor, quando comparadas a fevereiro de 2015.

GKO Informática cria Diretoria de Serviços sob comando de Adriano Sanchez

21/03/2016 - Fonte: CIMM

A GKO Informática, empresa especializada em soluções de base tecnológica para a área de logística voltada à gestão de fretes, acaba de criar uma Diretoria de Serviços, dentro de sua diretriz de crescimento sustentável frente a um ano de 2016 desafiador. A nova diretoria está sob comando de Adriano Lirancos Sanchez e vai concentrar as equipes de Consultoria e Suporte das unidades GKO Informática.

Profissional com ampla experiência como diretor de projetos e serviços em empresas de software, Sanchez chega com a missão de ajudar a empresa a crescer com qualidade e a conduzir um ambiente de projetos saudável e eficiente. Com formação em Ciências Contábeis pela Universidade Cidade de São Paulo, tem pós-graduação em Controladoria (FECAP) e MBA's em Gerenciamento de Projetos (FIAP) e Administração (FGV).

O profissional tem 15 anos de experiência em implantação e gestão de projetos em ERP (Enterprise Resource Planning), verticais nas áreas de Turismo, Logística (TMS/WMS) e Compliance e participou de projetos de médio e grande portes, com experiência em gestão de equipes multidisciplinares e diversos sites envolvidos (USA, Itália e Espanha).

“A Diretoria de Serviços será responsável por constituir e ampliar as melhores práticas de gestão e implantação de projetos dentro da GKO, de forma que os clientes se sintam mais próximos e conectados às equipes de consultoria, suporte e relacionamento”, afirma o executivo. O novo diretor acrescenta que o foco inicial será implementar processos simples e ágeis de forma a facilitar a interface entre as

necessidades dos clientes e a implementação de soluções que visam garantir melhoria de processos e redução de custos.

Segundo Ricardo Gorodovits, diretor Comercial da GKO Informática, a chegada do novo executivo é fruto do planejamento estratégico da empresa, cujas metas de crescimento exigem um profissional com experiência na gestão de serviços vinculados à implantação e suporte de software de gestão. "Temos como principal objetivo aprimorar o atendimento às empresas que utilizam o GKO FRETE e também outros recursos da GKO Informática", explica.

Implementação do PMO-GKO

Como medida para melhor organizar o atendimento aos atuais e futuros clientes, a GKO Informática começa a trabalhar com as melhores práticas difundidas pelo PMI (Project Management Institute), adicionando à sua estrutura de gestão de projeto o PMO (Project Management Office - Escritório de Projetos, em português).

Através desta nova configuração, o departamento recém-criado terá a missão de manter uma visão integrada do plano estratégico em toda a cadeia de valor da empresa. Assim, a GKO Informática pretende garantir e otimizar prazo e qualidade em todos os projetos atendidos.

Para conduzir o PMO, a GKO Informática selecionou, internamente, Léa Pires, ex-coordenadora de Projetos e agora Project Office Manager (gestora do Escritório de Projetos). Há 12 anos integrando a equipe da empresa, passando pelas áreas Comercial e de Consultoria, ela avalia a iniciativa com otimismo:

"A implantação do PMO e ajuste na estrutura organizacional da GKO Informática para suportar este novo modelo de gestão de projetos tem como foco maior controle, qualidade e padronização de nossas implantações." Em fase de constituição, a GKO Informática utilizará o modelo de PMCOE (Project Management Center Of Excellence) ou Centro de Excelência em Gestão de Projetos.

Federações da indústria se manifestam sobre a crise

21/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

As principais federações estaduais das indústrias e também a CNI se manifestaram na semana passada a respeito da atual crise política e econômica que o País atravessa. Em comunicados divulgados em seus sites, algumas dessas entidades manifestaram preocupação com o agravamento da crise econômica; outras, também em comunicados ou em coletivas de imprensa de seus dirigentes, caso da Firjan e da Fiesp, passaram a defender o impeachment.

A CNI - Confederação Nacional das Indústrias divulgou um "Comunicado à Nação" em que afirma que "a indústria nacional não pode aceitar que disputas e desavenças políticas se sobreponham aos interesses maiores da nação".

Em outro trecho, a entidade destaca que é imprescindível restabelecer a governabilidade. "É fundamental restaurar a moralidade no trato dos assuntos públicos, adotar melhores práticas administrativas e implantar medidas favoráveis à estabilidade social, ao emprego e ao desenvolvimento.

O setor empresarial espera que as instituições brasileiras, principalmente o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF), com o apoio e a participação da sociedade, consigam encontrar, com urgência, soluções para tirar o país da crise política e econômica".

A Fiergs - Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul manifestou-se exigindo solução imediata para a crise política do País. "A economia não pode esperar, a

indústria não pode esperar”, destaca o site da entidade. Heitor José Müller, presidente da Fiergs, afirmou em nota que “o Brasil chegou a um impasse político que precisa ser resolvido com urgência, respeitando as possibilidades legais, entre elas o processo de impeachment previsto na Constituição. Do equacionamento da crise política depende a retomada da economia, hoje em forte declínio”.

O presidente da Fiesc - Federação das Indústrias de Santa Catarina, Glauco José Côrte, manifestou-se durante talk show, organizado pela entidade no último dia 17 de março. Frisando que o País vive profunda crise de governança, disse: “Estamos há 15 meses sem nenhuma medida, iniciativa ou proposta do governo no sentido de ajudar na recuperação da economia.

Pelo contrário, o que o governo encaminhou são medidas que acabam agravando mais a situação de depressão econômica”. E completou: “nossa convicção é que o atual governo, de fato, não tem condições de reverter a situação que nos encontramos”.

Já o presidente da Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Paulo Skaf, declarou em entrevista coletiva na sede da entidade “que a presidente Dilma Rousseff não parece inclinada à renúncia, que seria a forma mais rápida de resolver a questão política que trava a economia.

Por isso, o impeachment passou a ser a opção prioritária” (...) “A bandeira de todos nós, ontem, era renúncia já”, disse Skaf, “mas a presidente não renunciou e não sinaliza vontade de renunciar. Hoje é Impeachment Já!”

Também no dia 17 de março, em entrevista coletiva, o presidente da Firjan - Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, foi enfático: “Não dá mais. Nós estamos pedindo um basta e esse basta se dá com o impeachment.

Isso tem que acontecer por meio do trabalho dos nossos congressistas, que têm essa responsabilidade e têm que fazer o que deve ser feito, o mais rapidamente possível, dentro da democracia, da constituição e da legislação brasileira”, afirmou.

No mesmo dia, Vieira participou de reunião, via videoconferência, com representantes das federações do Paraná, Pará, Espírito Santo e São Paulo para alinharem as ações em prol do andamento do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Por sua vez, a Fiep - Federação das Indústrias do Estado do Paraná declarou “seu total apoio à Lava Jato e a todas as operações da Polícia Federal, Ministério Público Federal e Justiça Federal que estão ajudando a passar o Brasil a limpo”.

O presidente da Fiep, Edson Campagnolo, acredita inclusive que este é o momento de se elaborar uma nova constituição: “Neste momento decisivo para os rumos do Brasil, pode-se até colocar em pauta a possibilidade de elaboração de uma nova Carta Magna, que contemple todos os ajustes necessários para uma verdadeira transformação do país”.

Outras entidades, como a Fiemg e a Fieb, apenas colocaram em seus sites o Comunicado à Nação assinado por Robson Andrade, presidente da CNI e que conclui assim:

“Neste momento turbulento da vida nacional, a indústria brasileira exige grandeza, serenidade e espírito público dos homens e das mulheres que ocupam os Três Poderes da República, para que o Brasil possa superar o cenário adverso, voltar a crescer e ter confiança no futuro”.

MWM vai exportar motores para a Doosan Infracore

21/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

A MWM vai exportar motores diesel para a Doosan Infracore, fabricante de motores, com uma linha completa de motores diesel e a gás para ônibus, caminhões, geradores e embarcações.

As empresas assinaram na semana passada acordo de parceria estratégica. O objetivo deste acordo é expandir o line up de produtos e a rede de vendas através de uma parceria comercial.

O novo acordo abrange o fornecimento de cerca de 2.500 motores por ano, durante o período de 5 anos. A oferta inicial de motores está prevista para o segundo semestre de 2016.

Os motores serão aplicados em uma nova linha de grupo geradores em diferentes faixas de potência. O motor Acteon 4.8L turbo mecânico será aplicado em 2 faixas de potência sendo: 95kW mecânico (para os geradores de 50Hz) e o propulsor de 118kW (para os geradores de 60Hz).

Já o modelo Acteon 4.8L turbo com intercooler também versão mecânico, será aplicado na potência de 118kW (para o gerador de 50Hz) e 139 kW (para o gerador de 60Hz).

"Este acordo é o resultado de um intenso trabalho entre as equipes brasileiras e sul-coreanas e reforça a importância do alto nível de personalização e flexibilidade que a MWM apresenta aos clientes ao redor do mundo.

Estamos orgulhosos e reafirmamos nosso compromisso de oferecer a melhor solução a este importante parceiro.", afirmou Thomas Püschel, diretor de Vendas e Marketing para motores e peças da MWM, frisando que o acordo é uma grande conquista e que contribui para o aumento das exportações da empresa.

"A expansão do nosso line-up, reforçado pelo motor 4.8L, permite oferecer aos nossos clientes uma ampla variedade de motores para geradores com melhor qualidade e serviço", comentou Joon-ho Yoo, vice-presidente Executivo e Head de motores da Doosan Infracore. "A Doosan espera o crescimento dos negócios e sinergia com a MWM não só no mercado sul-americano, mas também no mercado global."

Hyundai-Rotem inicia operação da fábrica em Araraquara

21/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

A fábrica de trens e composições ferroviárias da Hyundai-Rotem Brasil, em Araraquara, já iniciou suas operações. A unidade, que será inaugurada oficialmente no próximo dia 30 de março, tem capacidade de produção de 200 carros por ano e recebeu investimento foi de R\$ 100 milhões com a estimativa de geração de 300 novos empregos.

A fábrica foi erguida em área de 150 mil m², sendo 21 mil m² de área construída. "Trouxemos para cá o que há de melhor em tecnologia e inovação, na fabricação de trens e composições ferroviárias que ganham cada vez mais importância à medida que ajudam a solucionar os problemas de mobilidade urbana nos grandes centros.

Nossa unidade, aqui no interior paulista, vai atender não apenas as demandas do Brasil, mas também de toda a América Latina", explica Sungha Jun, presidente da Hyundai-Rotem Brasil.

A fábrica de Araraquara já está produzindo 30 trens, com oito carros cada, para a CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos). A previsão é de que comecem a circular ainda em 2016. A empresa também está produzindo trens e composições ferroviárias para o transporte público de Salvador (BA).

Acciona Windpower vai fornecer 22 aerogeradores à EDF

21/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

A Acciona Windpower, que tem fábrica na Bahia, assinou contrato de fornecimento de aerogeradores com a multinacional francesa EDF Energies Nouvelles para o parque eólico Ventos da Bahia I.

O contrato inclui transporte, instalação e comissionamento de 22 aerogeradores, de 3 MW de potência cada, assim como o serviço de manutenção dos mesmos durante cinco anos.

As turbinas correspondem ao modelo AW 125/3000, de 125 metros de rotor, e serão montadas na planta da Acciona Windpower em Simões Filho, na Bahia. As turbinas serão instaladas em torres de concreto a 100 e 120 metros, fabricadas pela companhia no Brasil.

A Acciona Windpower informa que este foi um dos contratos assinados pela empresa no Brasil no ano passado, com uma potência total contratada de 360 MW.

O primeiro acordo assinado no ano passado foi com a Atlantic Energias Renováveis e o fundo britânico Actis para o fornecimento de 65 aerogeradores destinados ao Complexo Eólico Lagoa do Barro I-VII e Queimada Nova, no Piauí.

O segundo contrato foi fechado com a empresa Voltalia para o fornecimento de 33 aerogeradores para o Parque Eólico Vila Pará, no Rio Grande do Norte.

Desta forma, a Acciona Windpower totalizou no Brasil, no final de 2015, vendas acumuladas de 1.185 MW, que foram distribuídos entre os parques eólicos de cinco estados: Rio Grande do Norte (390 MW), Rio Grande do Sul (327 MW), Ceará (207 MW), Piauí (195 MW) e Bahia (66 MW).

Hyundai Brasil inicia as exportações do HB20

21/03/2016 - Fonte: Usinagem Brasil

A Hyundai Motors do Brasil, com fábrica em Piracicaba (SP), comemorou na semana passada o início das exportações do modelo HB20. Originalmente desenvolvido exclusivamente para o País, o compacto que em três anos tornou-se o segundo carro mais vendido no mercado nacional passa a ser exportado para o Paraguai, com pedido inicial de 600 unidades, todas da versão cross HB20X.

“Após consolidar nossa posição no mercado brasileiro, podemos expandir nossas fronteiras, inicialmente para o Paraguai”, disse William Lee, presidente da Hyundai Motor Brasil. “Este é primeiro passo para tornar o HB20 um grande sucesso também em diversos outros mercados da América Latina”.

Como única fábrica da Hyundai na América Latina, a subsidiária brasileira estuda outros possíveis mercados para exportar na região. “Nossa intenção é prosseguir com a utilização plena de nossa capacidade produtiva, compensando qualquer agravamento da demanda no mercado interno”, acrescenta o presidente da Hyundai Motor Brasil.

Hyundai Motor Brasil - A empresa de origem sul-coreana está presente no Brasil desde 2012, quando inaugurou sua fábrica em Piracicaba (SP), com investimento de US\$ 700 milhões e capacidade de produção de até 180 mil carros por ano, operando em três turnos. A unidade, que tem hoje 2,7 mil colaboradores, é responsável pela fabricação e comercialização da família HB20: modelos HB20 (hatch), HB20S (sedã) e HB20X (cross).

Metais básicos sobem após detalhamento de importações chinesas de cobre

21/03/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

Os futuros de cobre e de outros metais básicos operam em alta nesta manhã, após a divulgação de dados mais detalhados sobre as importações chinesas de cobre em fevereiro.

Por volta das 8h10 (de Brasília), o cobre para três meses negociado na London Metal Exchange (LME) subia 0,2%, a US\$ 5.059,00 por tonelada. Na Comex, a divisão de metais da bolsa mercantil de Nova York (Nymex), o cobre para maio tinha alta de 0,57%, a US\$ 2,2955 por libra-peso, às 8h41 (de Brasília).

O cobre avança apesar da recente tendência de fraqueza do petróleo, que frequentemente puxa todo o complexo de commodities para baixo.

Números publicados hoje mostraram que as importações de cobre refinado da China, o maior consumidor mundial de metais básicos, saltaram 56% na comparação anual de fevereiro.

Os metais também são sustentados pelo bom desempenho dos mercados acionários chineses. A Bolsa de Xangai, a principal da China, fechou o pregão de hoje em alta de 2,2%, em seu sétimo avanço consecutivo.

Entre outros metais na LME, o alumínio para três meses subia 0,2%, a US\$ 1.524,50 por tonelada, enquanto o chumbo também avançava 0,2%, a US\$ 1.808,50 por tonelada, o estanho aumentava 0,5%, a US\$ 16.900,00 por tonelada, e o níquel registrava ganho de 0,3%, a US\$ 8.670,00 por tonelada.

O zinco era exceção no mercado inglês, com leve baixa de 0,1%, a US\$ 1.843,00 por tonelada.

Crise política paralisa ajuste fiscal

21/03/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

O agravamento da crise política, com o início formal da discussão e futura votação do pedido de impeachment da presidente Dilma Rousseff, interditou a apreciação de propostas do ajuste fiscal e outras matérias que poderiam melhorar as contas públicas.

A maior influência do PT e do ex-presidente Lula ao Palácio do Planalto também já provocou um efeito colateral: as propostas para colocar as contas em dia ficaram em segundo plano. Criticado pelas lideranças petistas e com risco de ficar isolado no governo e até mesmo de ser substituído no cargo, o ministro da Fazenda, Nelson Barbosa, abriu ainda mais a torneira do crédito, na contramão do ajuste fiscal no curto prazo.

Pressionado, Barbosa também ampliou o alívio de curto prazo para os governadores, que terá impacto negativo nas contas públicas em 2016 e nos próximos anos. Embora os projetos previstos, como a fixação de um teto para o gasto, estejam prontos para serem enviados esta semana ao Congresso, o foco agora passou a ser direcionado

também para medidas que o governo pode adotar para estimular o crescimento com ações que não precisem de aprovação do Parlamento, como mais recursos para o Programa Minha Casa, Minha Vida.

O plano traçado pelo PT era tentar fazer de Lula, que está com sua nomeação para a Casa Civil suspensa por decisão judicial, uma espécie de fiador do retorno da confiança e da votação de propostas para melhorar o ambiente econômico. Uma articulação nesse sentido chegou a ser desenhada antes da posse pelo ex-presidente em conversas com parlamentares petistas. Mas, até o momento, não foi levada adiante.

Alinhado com o discurso de Lula, o ministro da Fazenda disse na sexta-feira que as incertezas políticas atrasam a recuperação da economia. "Um debate público onde todo mundo grita e ninguém ouve não leva a lugar nenhum. Propostas extremas, para um lado e outro, não são sustentáveis e não vão resolver os problemas", disse.

Trabalho paralelo

Enquanto isso, os presidentes da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), tocam em paralelo ao avanço do impeachment uma pauta mínima de votações, muitas delas que contrariam interesses do Executivo.

Do governo, as duas Casas devem votar só as medidas provisórias encaminhadas, mas propostas como o retorno da CPMF e a Desvinculação das Receitas da União (DRU) não devem caminhar durante o andamento do processo de afastamento.

Ao Broadcast, serviço de notícia em tempo real da Agência Estado, o presidente da Câmara disse que alguma pauta do governo pode ser votada pelos deputados durante o processo do impeachment.

Ele disse que nesse período vai seguir a pauta, com votação de MPs, mas quer votar o projeto que define o teto do funcionalismo público e ainda pretende apreciar o projeto que define a Lei de Responsabilidade das Estatais, proposta encampada pelos tucanos e aprovado na terça-feira pelo Senado.

Eduardo Cunha destacou que a votação de reformas da Previdência e tributária, as quais passou a dar apoio desde o fim do mês passado, só devem ser apreciadas após a votação do afastamento de Dilma.

"Isso só depois do impeachment, porque precisa negociar e ninguém vai querer negociar com um governo com risco de cair em pouco tempo", disse o presidente da Câmara, para quem o Executivo não tem agenda e que a CPMF - imposto que o governo esperava aprovar no Congresso até maio, mas está parado na Câmara - é um "engodo".

No Senado, Renan Calheiros pretende continuar a dobradinha de pautas que inaugurou desde o ano passado com os tucanos e que tem sido acelerada. Mesmo se mantendo aliado a Dilma, Renan deve colocar em votação na próxima semana o projeto do senador José Serra (PSDB-SP) que fixa o teto para o endividamento da União. Outras pautas como a adoção de governança para os fundos de pensão, proposta relatada pelo presidente do PSDB, senador Aécio Neves (MG), também estará na agenda.

O líder tucano no Senado, Cássio Cunha Lima (PB), afirmou que o País está paralisado e que as discussões no Congresso se voltam no momento para o processo de impeachment. Questionado sobre o fato de Renan estar privilegiando as pautas dos tucanos, ele disse que a legenda tem criado propostas no momento em que o governo não tem nenhuma iniciativa.

Um dos deputados petistas mais próximos de Lula, Paulo Pimenta (RS), reconheceu que, no primeiro momento, o embate pelo impeachment, tem levado Dilma, o ex-

presidente e os parlamentares aliados a centrarem esforços para manter o governo. "Não tem ambiente para estabilizar a economia sem resolver a política.

" Para o petista, o cenário político "atrapalha", mas o ex-presidente no governo tem condições de restabelecer o diálogo com o setor produtivo a fim de restabelecer o consumo, ampliar a oferta de crédito e reverter o cenário de recessão econômica

Mercados e grupos empresariais à espera da queda de Dilma

21/03/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

"Renúncia Já". A frase estampada na sede da poderosa Federação de Indústrias de São Paulo (Fiesp) antecipa o ambiente: no Brasil, as empresas e os mercados veem com bons olhos a saída da presidente Dilma Rousseff, acusada de maquiar as contas do governo.

Na quinta-feira a bolsa de São Paulo subiu 6,6%, a maior alta em um só dia dos últimos sete anos, embora na sexta-feira tenha recuado.

"O mercado celebra o fim desse governo", comentou à AFP o analista André Leite, da TAG Investimentos. Uma comemoração que não deixa de ser paradoxal, caso se considere a conhecida aversão dos mercados pelos cenários de instabilidade.

Na quinta-feira, a nomeação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como ministro foi suspensa por um juiz em Brasília e depois por Gilmar Mendes, no Supremo Tribunal Federal.

Esse novo revés pode ser interpretado como outro sintoma de fraqueza do governo de Dilma Rousseff, já ameaçada por um processo de impeachment no Congresso.

Com o país imerso na recessão econômica, em meio a inflação em alta, déficit público e dívida, a comunidade financeira não teve muito o que comemorar nos últimos anos.

"Os investidores parecem se concentrar no fato de que o Partido dos Trabalhadores (PT, esquerda) e Dilma vão perder o poder, dando lugar a tempos mais felizes", avalia David Rees, economista da Capital Economics e especialista em América Latina.

Segundo ele, o aumento nos preços do ferro também contribuiu para a euforia. A política econômica de Dilma Rousseff tem sido criticada pelos analistas por sua falta de controle orçamentário e de medidas rigorosas para enfrentar a crise.

"Sempre que Dilma parece estar perto de cair, as bolsas sobem e cai o risco país (indicador que mede a possibilidade de que o Brasil não pague sua dívida)", aponta Margarida Gutiérrez, professora de Macroeconomia na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Todos os círculos do poder econômico no Brasil parecem concordar. A poderosa Fiesp, que conta com cerca de 130.000 empresas afiliadas, assumiu publicamente sua posição a favor do impeachment na quinta-feira.

"A sociedade quer mudanças e deseja o impedimento de Dilma", disse Paulo Skaf, presidente da Federação à imprensa, ressaltando querer um Brasil onde se poderá "retomar o investimento, a criação de emprego, a reativação das empresas de todos os setores".

David Rees diz que ainda é cedo para sonhar: "Não estou convencido de que possamos esperar melhores políticas econômicas caso Dilma Rousseff deixe o poder".

"Inclusive, se houver mudança de governo, não está claro se quem chegar terá a possibilidade de aprovar reformas fortes, já que os problemas estruturais da economia ainda poderão persistir durante algum tempo", explicou.

O procedimento para impugnar a chefe de Estado é longo e complexo, e requer o voto de pelo menos dois terços dos deputados e senadores, o que poderá levar mais de seis meses.

No clima de crescente animosidade que reina no Brasil esse lapso pode ser encurtado, antecipa João Augusto de Castro Neves, diretor de América Latina da consultoria Eurasia Group.

"A probabilidade de uma mudança de governo realmente aumentou e é agora de 75%", de acordo com suas estimativas. "Pode ocorrer no começo de maio", prevê.

"Um governo de (Michel) Temer certamente se beneficiaria de uma lua de mel, mas a pergunta é: quanto tempo ela vai durar?", questiona Castro Neves. Se um novo presidente puder devolver a confiança à economia, "ele não terá capital político para implementar reformas ambiciosas", adverte.

Finalmente, lembra o analista, existe outro perigo: que Michel Temer também possa estar envolvido, diretamente ou indiretamente, nos dois grandes escândalos que sacodem o Brasil: o de corrupção da Petrobras e o do financiamento da campanha presidencial de 2014.

Para Indústria, dólar deve ficar entre R\$ 3,80 a R\$ 4 em 2016

21/03/2016 - Fonte: Isto É Dinheiro

A indústria nacional ainda segue confiante de que o câmbio se sustentará no patamar de R\$ 4 a R\$ 3,80 neste ano, sustentando a expansão das exportações nacionais e a competitividade dos produtos brasileiros no exterior.

Entretanto, o setor está atento a um prolongamento do movimento de queda da moeda observado desde o início do mês. Desde o último dia de 2015, quando o dólar valia R\$ 3,96, até a última sexta-feira, o real se valorizou 10,3% ante a moeda norte-americana.

"A oscilação do câmbio é grande, mas ainda não é matadora para a indústria", afirma o diretor do Departamento de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Derex) da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Thomaz Zanotto. Para ele, um dólar a R\$ 3,60 não atrapalharia as vendas externas, mas abaixo desse nível já acende a "luz amarela" para as receitas cambiais do setor.

"A R\$ 3, então, aí passamos para a vermelha", ressaltou. Porém, o diretor da Fiesp acredita que é necessário esperar mais para ver se o movimento persiste ante de alguma providência de emergência contra um nível de câmbio mais baixo.

Apesar de defender um câmbio flutuante, o presidente da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), Fernando Figueiredo, avalia que um câmbio entre R\$ 3,50 e R\$ 4 é ideal para que o fabricante reduza o preço de seus produtos em dólar, aumente suas receitas cambiais e alavanque a produção interna.

A indústria química viu, nos últimos 12 meses até janeiro na comparação com a mesma época imediatamente anterior, uma retração das vendas internas em 5,22% e no Consumo Aparente Nacional (CAN) de 6,4%.

Mas, no mesmo período, teve crescimento do índice de exportações de produtos químicos de uso industrial, o que causou impacto direto na produção, com alta de

0,95% em igual intervalo. "O câmbio ajuda, mas mesmo assim são necessárias políticas de longo prazo, como melhorias em infraestrutura e logística", afirmou.

Para o presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), Antonio Jorge Camardelli, o câmbio atual não altera as projeções de vendas externas do setor para este ano. A entidade espera uma receita cambial de US\$ 7,5 bilhões neste ano, o que representaria um aumento de 27,1% ante a cifra de 2015.

"Acho que não deve ter alteração também porque, na média do acumulado do ano, o dólar não deve recuar tanto e deve se manter ainda em um patamar que nos é interessante. Além disso, há uma crise agora em todos os países, o que provocou uma necessidade de adaptação, o Brasil se obrigou a mudar seu cardápio e baixar o preço também", declarou.

Um dos maiores produtores de carne bovina do País, a Minerva Foods tem direcionado boa parte de sua produção ao mercado externo devido ao câmbio favorável. Tanto que em 2015, 70% da receita consolidada da companhia veio das exportações.

"Um dólar a R\$ 3,70 ainda é o suficiente para manter a competitividade do produto feito no Brasil e impulsionar as exportações", afirmou o diretor-presidente da empresa, Fernando Galletti de Queiroz. O executivo também disse que a Minerva possui hedge para se proteger de variações cambiais e que não vê mais uma forte oscilação do câmbio no decorrer do ano.

Já o presidente-executivo da Associação Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados), Heitor Klein, acredita que o dólar voltará ao patamar a R\$ 3,80 em breve. "Em questões de fundamentos, não é lógico um câmbio a R\$ 3,60.

Essa queda nos parece apenas um episódio e espero que não se estabeleça em um novo patamar", disse, respondendo também que o setor não tem um plano emergencial caso o dólar se estabeleça a níveis inferiores.

Segundo ele, as exportações da indústria de calçados estão crescendo, mas a entidade esperava um avanço maior nos dois primeiros anos por conta do câmbio favorável. Após uma receita 0,6% em fevereiro ante o mesmo mês de 2015, o setor fechou o bimestre com vendas de US\$ 147 milhões, 2,3% menor ante o mesmo período de 2015.

Para o gerente-executivo de Políticas Econômicas da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco, a queda de 10% do câmbio nesse início do ano é mais do que a rentabilidade das exportações da indústria nacional e o sinal amarelo já vigora para o setor, porque a inflação e os custos seguem altos.

"Esse movimento pode atrapalhar a retomada e avanço do processo de substituição da importação", destacou.

Segundo o economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), Rafael Cagnin, a indústria química, calçadista e vestuário já estão sentindo o processo de substituição de importações e tem registrado um viés de recuperação na atividade industrial nos últimos três meses.

Klein, da Abicalçados, disse que houve a queda no volume das importações, mas "ainda não relevante para a produção industrial, devido a retração da demanda doméstica", afirmou.

Usiminas faz acordo para congelar dívida com bancos

21/03/2016 - Fonte: O Estado de S. Paulo



A Usiminas confirmou há pouco que firmou acordos standstill, ou seja, congelamento de dívidas, com os bancos credores Banco do Brasil, Bradesco, Itaú Unibanco, Santander e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

Acordo também foi realizado com os credores japoneses, que são o Japan Bank for International Cooperation (JBIC), The Bank of Tokyo Mitsubishi UFJ, Mizuho Bank e Sumitomo Mitsui Banking Corporation.

Conforme antecipado pelo Broadcast ontem, os acordos suspendem as obrigações de pagamento do montante principal, bem como as obrigações de cumprimento de índices financeiros, em financiamentos pelo prazo de 120 dias.

"Foi também acordado que os credores se comprometem a não declarar o vencimento antecipado das obrigações financeiras da Usiminas", informou a empresa, em fato relevante enviado há pouco à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Usiminas faz acordo para congelar dívida com bancos Também conforme antecipado ontem com fontes, os acordos estão vinculados à aprovação do aumento de capital de R\$ 1 bilhão, ou seja, deixarão de vigorar caso o aumento de capital não seja aprovado em Assembleia Geral da empresa.

A Usiminas informa que "continuará negociando com os bancos um projeto de reestruturação financeira de forma a adequar seu perfil de endividamento às perspectivas de curto, médio e longo prazo, com o objetivo de preservar as capacidades financeira e operacional da companhia".

Tarifas bancárias sobem mais do que a inflação

21/03/2016 - Fonte: R7



O desconto das tarifas bancárias está pesando mais no orçamento dos clientes. Nos últimos doze meses, algumas das taxas cobradas pelos bancos subiram acima da inflação. A tarifa média de emissão do cheque administrativo que custava R\$ 19,36 no ano passado, subiu para R\$ 33,32, alta de 72,1%, frente a uma inflação de 10,3% do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo). O levantamento dos valores médios das tarifas bancárias é feito pelo Banco Central.

A segunda via do cartão de débito que custava R\$ 7,02, em março de 2015, subiu para R\$ 7,93, um aumento de 12,96%. O custo maior dos serviços bancários também pesou para os poupadores que fazem retiradas em instituições parceiras dos bancos. A tarifa do saque da poupança em correspondente bancário teve aumento de 14,71%, de R\$ 2,65 para R\$ 3,04.

Os pacotes padronizados de serviços, que garantem uma quantidade mínima de serviços por um preço fixo mensal, também tiveram reajuste. Das quatro opções de pacotes permitidas pelo BC, duas tiveram reajuste acima da inflação.

O pacote do perfil 4, com mais serviços agregados, subiu de R\$ 70,18 para R\$ 78,25, alta de 11,49%. O pacote do perfil 2, o mais barato com fornecimento de folhas de cheques, teve reajuste de 12,03%, de R\$ 35,38 para R\$ 39,75.

O Banco Central informou que as tarifas variam de acordo com a livre concorrência entre as instituições e que o levantamento dos valores médios é feito com informações fornecidas pelos próprios bancos.

Segundo a Febraban (Federação Brasileira de Bancos), cada instituição financeira determina os preços de seus produtos acordo com sua estratégia comercial. Em nota, a federação ressaltou que "os aumentos devem ser aplicados a períodos superiores a um ano e não inferior a um ano". Além disso, os bancos divulgam suas tabelas de tarifas para facilitar a livre escolha dos clientes, que podem comparar os preços e os tipos de serviços oferecidos.

As informações sobre as tarifas cobradas pelos bancos estão neste [link](#), no site da Febraban. Entre os cinco maiores bancos do país, o pacote de tarifas do perfil 2 varia entre R\$ R\$ 15,65 e R\$ 17,50. Caixa (R\$ 15,65), Santander (R\$ 16,10), Banco do Brasil (R\$ 16,80), Bradesco (R\$ 17) e Itaú Unibanco (R\$ 17,50).

Alta da Selic tem efeito maior sobre pequenas empresas, mostra estudo

21/03/2016 - Fonte: Folha de S. Paulo

Uma política governamental que em 2015 custou ao país R\$ 428 bilhões tem impacto menor que o desejado devido a outra política, também do governo federal.

Estudo inédito aponta que o aumento da taxa básica de juros, a Selic, definida pelo Banco Central, tem efeito menor para empresas que recebem créditos com juros determinados pelo governo do que para companhias sem acesso a esse benefício. O governo define os juros que bancos públicos emprestam em algumas linhas de crédito, subsidiando parte deles, com a intenção de estimular investimentos de longo prazo e o consumo.

O trabalho, que analisou empréstimos e nível de emprego em 300 mil companhias entre 2006 e 2012, aponta que, quando o BC sobe a Selic, as empresas sem acesso ao crédito dirigido pagam juros maiores, pegam menos empréstimo e reduzem mais a quantidade de empregados em relação às com acesso às linhas de financiamento subsidiadas dos bancos públicos.

O trabalho mostrou que as empresas com acesso aos créditos dirigidos são grandes, o que faz com que os efeitos dos aumentos da Selic sejam sentidos apenas nas pequenas empresas.

"A Selic não tem efeito para firmas muito grandes (mais de 500 empregados), e o efeito é máximo para firmas intermediárias (10 a 50 empregados)", aponta o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores Marcos Bonomo, do Insper; e Bruno Martins, do Banco Central.

Na prática, o crédito para empresas pequenas fica tão caro que elas acabam fora do sistema bancário. Pesquisa do Sebrae aponta que 48% delas nem chegaram a pegar empréstimo em bancos nos últimos cinco anos e a principal forma de se financiar foi atrasando o pagamento de fornecedores (67%).

JUROS

A Selic é a média dos juros pagos pelos empréstimos do governo e é definida pelos diretores do Banco Central em reuniões a cada 45 dias. O banco usa essa taxa como um dos instrumentos para controlar a inflação e estimular ou não o crescimento do país.

Na teoria usada pelo Banco Central, aumentar a Selic tem a intenção de tornar o crédito mais caro, reduzindo sua oferta e, com isso, retirar o incentivo ao consumo. Com menos consumo, as empresas tendem a reduzir preços e a inflação cai. Ao reduzir a Selic, o efeito seria o inverso.

Por outro lado, o aumento da Selic faz o governo pagar juros mais altos para financiar sua dívida. Desde 2013, o BC tem aumentado a Selic para tentar deter a inflação.

O valor pago anualmente pelo governo para quitar os juros que incidem sobre a dívida pública saltou de R\$ 201 bilhões em 2011 para R\$ 428 bilhões em 2015, três vezes mais do que o governo gastou com educação (R\$ 95 bilhões), por exemplo.

Vários economistas vinham apontando que os efeitos de aumento da Selic acabam não sendo os esperados por causa dos créditos que os bancos públicos concedem não vinculados a essa taxa.

É o caso por exemplo da TJLP (Taxa de Juros de Longo Prazo) que regula parte dos empréstimos do BNDES para grandes obras e compra de máquinas. Esses empréstimos têm subsídios embutidos que, só num programa feito entre 2009/2014, o PSI (Programa de Sustentação de Investimentos), deixou uma conta de R\$ 240 bilhões.

O trabalho elaborado por Marcos Bonomo e Bruno Martins mostrou que, em 2012, os valores dos empréstimos não afetados pela Selic chegaram a 51% de todos os créditos da economia. A hipótese dos pesquisadores era investigar se as empresas com empréstimos não vinculados à Selic fugiam dos efeitos esperados pelos aumentos da taxa.

Para isso, eles testaram os dados de mais de 300 mil companhias que pegaram empréstimos no período e tinham mais de um empregado registrado.

Mostraram que, para cada um ponto percentual de aumento da Selic, as empresas sem acesso aos empréstimos dirigidos pegavam 3% menos crédito, os juros ficavam 1,15% mais altos para elas e a taxa de emprego nessas firmas caía 1,19%.

Para as empresas com metade de seus empréstimos no mercado dirigido, os efeitos já começavam a diminuir. Nas companhias com 100% de empréstimos fora da Selic os efeitos são bastante reduzidos. A quantidade de empréstimos que tomam cai 2% e taxa de juros para elas sobe 0,63%. Já a taxa emprego retrai apenas 0,73%.